
“A ANÁLISE INSTITUCIONAL EM EQUIPES DE TRABALHO. UMA ANÁLISE DO FILME ‘O DIABO VESTE PRADA’

AUTORES: ANA MARIA MARQUES DA LUZ; ENEIDA VON ECKHARDT; JOSIANE DA SILVA ESPÍNDULA; WALTER LUIZ FIGUEIREDO

INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO DOS AUTORES: ANALISE AÇÕES EM SAÚDE E NO TRABALHO S/S LTDA.

RESUMO:

Utilizou-se a análise do filme “O Diabo veste Prada” (The Devil wears Prada) para transmissão de conhecimentos práticos e teóricos, fundamentados na Socionomia, na Análise Institucional, na Psicanálise e nas experiências profissionais dos autores.

Esta obra foi escolhida por ser propícia para reflexões e por apontar demandas encontradas freqüentemente nos trabalhos que os autores realizam com instituições e grupos, proporcionando assim, a oportunidade de uma articulação teórico-prática: uma conserva cultural rígida impede que os sujeitos sejam espontâneos e criativos. Isto provoca fortes efeitos e impactos nas relações sociométricas.

Destaca-se a importância do trabalho socionômico para ações transformadoras necessárias frente aos desafios dos tempos atuais, que vem solicitando dos sujeitos, novas saídas, em especial, no mundo competitivo do trabalho.

O artigo permite apontar qual é a proposta prática que intervenções em equipes podem oferecer às instituições para que elas funcionem melhor com propostas criativas que permitam aos sujeitos a co-responsabilidade da sobrevivência deles próprios e das instituições no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: EMPRESA, ANÁLISE INSTITUCIONAL, EQUIPE, RELAÇÕES DE TRABALHO, RELAÇÕES DE PODER, CONSERVA CULTURAL.

ABSTRACT:

Analysis of the movie “The Devil Wears Prada” is used to impart practical and theoretical knowledge, with support on Socionomics, Institutional Analysis, Psychoanalysis and hands-on experience of the authors.

This particular movie was chosen because it permits reflexions and demands frequently found by the authors during works developed in groups and institutions, thus allowing an appropriate join of theory and practice: a cultural conservativeness precludes spontaneity and creativity from its subjects, instigating strong impacts and effects in sociometrics relations.

The importance of socionomic work translated in necessary transforming actions, in face of challenging times, that do demand new responses from subjects, especially in the competitive labour realm, stands off.

The article points towards what practical propositions can interventions in work-team offer to institutions a better functioning that allow subjects to be co-responsible in their own survival and in that of contemporary institutions.

KEYWORDS: BUSINESS, INSTITUTIONAL ANALYSIS, SOCIONOMICS, WORK-TEAM, LABOUR RELATIONS, CULTURAL CONSERVATIVENESS, POWER RELATIONS

É tudo!
Só!
Tem-se tudo
Não falta nada
Narcisismo suprido?
Lacônico
Do topo do mundo
Sujeito
Falo e poder
Se tem, se é
Isto não é mais necessário?
Ilusão....
Denegação
Subjetivação / dessubjetivação
O diabo veste Prada ou
Prada veste o diabo?

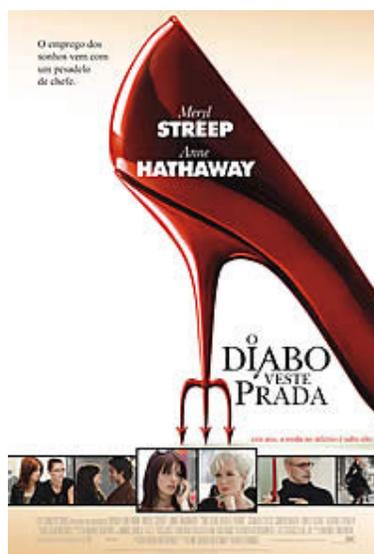


Ilustração 1: cartaz do filme

INTRODUÇÃO

Os autores deste artigo fazem parte de uma equipe interdisciplinar de interventores em grupos e em instituições, que realiza também consultorias, treinamentos, cursos e conferências, chamada PAM - Propondo Algo a Mais. A equipe utiliza o teatro espontâneo e a socionomia articulados à análise institucional e à escuta do sujeito em suas relações de trabalho. Isto proporciona “algo a mais” nos trabalhos realizados e nas questões inusitadas que emergem a respeito da sobrevivência das organizações no momento contemporâneo.

O artigo emprega a análise do filme “O Diabo veste Prada” para transmissão de conhecimentos práticos e teóricos, fundamentados na Socionomia, na Análise Institucional, na Psicanálise articuladas com as questões da administração contemporâneas, confirmadas nas

experiências profissionais do PAM que tem sido compartilhada em diversos eventos e congressos desde 2004, apresentando trabalhos em várias categorias.

Os conceitos que são utilizados ao longo do artigo são: conserva cultural, espontaneidade, criatividade; papel; instituído / instituinte / institucionalização; implicação; instituição / organização; relações intersubjetivas; tele; grupos; auto-gestão de equipes; horizontalidade / verticalidade; subjetividade; desejo / sintoma; sujeito / transversalidade; transdisciplinariedade.

“O Diabo Veste Prada”, filme baseado em livro homônimo da autora Lauren Weisberger, retrata os bastidores da revista Runway, uma importante publicação e referência no mundo e nos caminhos da moda. Trata-se de uma instituição onde o que importa é o culto ao ter que prevalece ao ser: mostrar-se belo e indefectível, sem medir esforços, perante o outro.

A revista é conduzida com mão de ferro por Miranda Priestly, uma poderosa executiva (o Diabo) que utiliza de todos os artifícios não só para manipular e controlar seus colaboradores, como também aqueles que gravitam ao seu redor, em nome da produção da moda que envolve uma verdadeira “edição de subjetividade dessubjetivada”.

Este ambiente institucional ideologicamente competitivo (muitas vezes cruel) é digno de análise. A conserva cultural rígida dessa instituição impede que os sujeitos sejam espontâneos e criativos. Eles devem seguir a "ditadura" da moda e a imagem da gestora como forma de poder –os instituídos- sem contestações ou mudanças, o que gera fortes efeitos e impactos nos sujeitos e nas relações sociométricas.

Três importantes questões para as instituições e para a sociedade moderna são colocadas pela trama: a naturalização do poder em detrimento da produção eficaz em equipes; a dessubjetivação como garantia de sucesso capitalista e o narcisismo (é a roupa que faz o sujeito e não o sujeito que faz a roupa, exemplificando o ter sobre o ser), como ícone maior da sociedade moderna. Neste último aspecto, Miranda Priestly consegue superar esta insígnia: ela veste Prada e faz com que Prada seja mais que Prada. Não é Prada que a veste. Ela é o próprio narcisismo. Estas questões serão retomadas nas considerações finais deste artigo.

A história se desenrola a partir da contratação de Andy Sachs para o cargo de segunda assistente de Miranda. Jornalista recém-formada e sem conhecimento algum sobre moda, embora insegura e aparentemente inadequada ao cargo, não se aniquila diante da frieza de Miranda. A questão que intriga é: por que Miranda resolve contratar Andy?

Aos poucos Andy vai se envolvendo com a revista e com o mundo da moda tornando-se uma elegante assistente, cada vez mais seduzida pelo contexto. Começa a mesclar seus valores, em um processo instituinte de produção subjetiva, efeito do fascínio do poder e de sua auto-estima.

Embora classificado como comédia, a análise do filme sob a ótica da Socionomia e da Análise Institucional oferece uma possibilidade singular de transmissão de conhecimentos práticos e teóricos, além de apontar questões e demandas contemporâneas encontradas em algumas instituições e empresas: a obsessão pela aparência, a ditadura dos produtos, a sociedade de consumo, a competitividade e como as instituições produzem sujeitos de acordo com as suas conveniências.

Os protagonistas são:

- Miranda Priestly (Meryl Streep): editora chefe da revista Runway;
- Andy Sachs - Andrea (Anne Hathaway): segunda assistente de Miranda (recém-contratada);
- Emily (Emily Blunt): primeira assistente de Miranda;
- Nigel (Stanley Tucci): produtor de moda da revista Runway.

Os coadjuvantes são:

- Nate (Adrian Grenier): “namorado” de Andy
- Christian Thompson (Simon Baker): jornalista que seduz Andy e a ajuda a atender um pedido quase impossível de Miranda.

1. Uma leitura das subjetividades

1.1. Miranda Priestly



Ilustração 2: personagem Miranda Priestly

Miranda Priestly, personagem brilhantemente interpretada por Meryl Streep, alcança um desempenho profissional que institui uma encarnação da moda em um sujeito: “a moda é Miranda e Miranda é a moda”.

Todo o mundo *fashion* se curva diante do conhecimento e do poder desta executiva. Todos estão à mercê de sua avaliação e/ou aprovação. Não ter seu trabalho aprovado por Miranda é passaporte para o fracasso. Mas este posto tem seu preço. Miranda utiliza de todas as artimanhas para manter o poder, sem se importar com quem quer que seja e com qualidade de vida discutível.

Seu nível de exigência é tão alto que ela chega a ser cruel com todos os que para ela trabalham ou que dela precisam para se projetarem no mundo *fashion*.

Extremamente controladora e centralizadora, mais parece uma dama de ferro. Demonstra que nada a abala (nem mesmo seu segundo divórcio), mantendo sempre a altivez. Não há limites para seus pedidos, em termos de hora, dificuldade ou possibilidade. Todos precisam dar conta de tudo, independente de ser possível ou razoável.

O clima de trabalho na Runway é extremamente tenso. Seus funcionários parecem fantoches, sem vida própria e pessoal. Estão sempre estressados e em pânico à espera de novas ordens para serem cumpridas. Miranda, com seu temperamento rígido, poderoso e ao

mesmo tempo sedutor -o poder seduz- é a própria dessubjetivação do sujeito. “Suas meninas” mais parecem objetos, acessórios ou complementos do que pessoas. Trabalhar para Miranda significa além de exercer uma profissão, servi-la. Sendo assim, a noção de uma equipe que contribui para o sucesso da revista Runway, fica desprestigiada.

“Um milhão de garotas dariam a vida para trabalhar nesta revista”, este é o *slogan* daquele escritório. Não medem esforços para permanecerem no emprego, nem que isto lhes custe rompimentos de relacionamentos, a perda da saúde, do direito de dormir, da autonomia sobre suas vidas e até mesmo do sonho de empregos melhores mais razoáveis e respeitosos, onde pudessem exercer suas reais competências.

Miranda espelha uma personagem criada pela instituição Runway ou ela teria criado a própria instituição? Ela é um produto institucional ou sujeito que faz a instituição?

1.2. Andy Sachs



Ilustração 3: personagem Andy Sachs

Andy Sachs é formada em jornalismo pela Universidade de Northwestern. Moça simples, e por diversas vezes, até mesmo pueril.

Ao chegar à empresa para a entrevista, percebeu que existia ali um clima de terror: as pessoas viviam tomadas pelo medo e se curvavam diante de Miranda Priestly.

Andy atestou na entrevista de seleção que nunca ouvira falar da revista e nem tampouco de sua entrevistadora, o que fez com que Miranda reagisse humilhando-a. Andy não se abateu e disse que apesar de não entender de moda, teria boa vontade em aprender, além do fato de possuir outras qualidades que julgava importantes para conseguir a vaga. Desta forma, Andy enfrentou Miranda, fato incomum: foi clara ao expor seu ponto de vista e não se intimidou diante da frieza da editora-chefe. Outros motivos podem ter contribuído para a contratação de Andy: muitas vezes preferem-se candidatos sem experiência prévia, pois desta maneira “formata-se” a pessoa de acordo com o desejado da empresa; o fato de Andy ser diferente das outras candidatas que conheciam a Runway, mas que sucumbiram ao posto, fez com que Miranda arriscasse a contratação e finalmente a postura quase infantil de Andy,

embora com certo enfrentamento, pode ter provocado inconscientemente em Miranda, a oportunidade de presa fácil do seu desejo sádico em aniquilá-la.

Com o passar do tempo, Andy foi se dedicando e se adaptando cada vez mais à convivência com toda aquela pressão. Mas pagou um preço alto por isso: ficou sem espaço para os amigos e para seu “namorado”, sacrificando assim, sua vida pessoal em troca do “sucesso” profissional. Desta forma, o trabalho engolfou sua vida particular, fato comum no mundo contemporâneo.

Com a experiência vivida na Runway, Andy produziu uma nova edição de sua subjetividade tornando-se diferente: mantinha-se nos padrões da moda e a cada dia realizava suas tarefas com mais competência. Passou a ocupar o cargo de primeira assistente de Miranda. Ela foi surpreendendo sua chefe a ponto de receber elogios, algo nunca feito a nenhuma outra assistente.

Andy, apesar do *status* decorrente de sua entrega ao cargo, ao final da história, quebrou com o instituído. Fez sua opção ao desistir do emprego e sair em busca de uma realização profissional como jornalista.

Ao desistir da Runway, Andy adquiriu um grande amadurecimento e mostrou que as escolhas são possíveis e necessárias: desistiu de seguir Miranda e conseguiu um novo emprego, cujas excelentes referências foram dadas pela própria editora chefe. Além disto, pode-se observar uma nova Andy, singularmente construída, exteriorizada em sua forma de vestir e de se apresentar: manteve sua simplicidade, com um estilo jovem, leve, elegante, e principalmente, um olhar seguro e dirigido. Aprendeu com a oportunidade: foi engolfada por um processo de institucionalização, identificou-se com o instituído (chegou a ficar superimplicada) para depois desinstitucionalizar-se e criar sua saída.

E quem permaneceu? E Nigel, por exemplo? Uma explicação para tal fato é o que se verifica nos efeitos provocados sobre os sujeitos em instituições fechadas: uma angústia como se eles não tivessem saídas ou alternativas.

1.3. Emily



Ilustração 4: personagem Emily

Emily, primeira assistente de Miranda, representa o funcionário que além de não questionar também não pensa. Simplesmente executa ordens e tenta a todo o momento repetir esta condição para os seus colegas, ocupando um papel institucional importante: um reproduzidor ideológico.

Como no início Andy destoava do tom de *glamour* que pairava sobre a instituição, Emily e outros funcionários reagiram a esta diferença, ridicularizando-a e menosprezando-a. Na verdade, isto significava uma tentativa de impedir qualquer reflexão que disparasse um processo instituinte colocando em cheque os valores conservados. Ou seja, a ideologia dominante e seus ideais deveriam ser mantidos.

Emily transmitiu as infinitas atividades rotineiras a Andy em um clima de muito terrorismo, na certeza de que esta não daria conta das mesmas e seria mais uma a ser dispensada da vaga, fazendo com que novamente reinasse absoluta na sua missão de servir à executiva. Focada apenas na condição de assistente eficiente não percebe a análise profissional que Miranda já fez de Andy, considerada por Emily uma “coitada”.

1.4 Nigel



Ilustração 5: personagem Nigel

Nigel é o produtor de moda que trabalha na *Runway* há doze anos. Profundo conhecedor do mundo *fashion* e um dos poucos que Miranda considerava como um bom profissional: “ainda bem que alguém trabalha nesta revista”. Suas idéias eram sempre acatadas pela editora.

Nigel, como profundo conhecedor do mundo frenético da moda e da forma de atuação de Miranda, agiu como uma espécie de *coach* para a nova assistente dando-lhe orientações que a ajudaram no seu aprimoramento profissional e no processo de aprendizagem sobre este novo universo. Nigel foi um interventor institucional para Andy: lembrou-lhe a parte que lhe cabia naquilo que reclamava e apontou a necessidade dela fazer uma opção.

Na parte final da trama, Nigel se viu oferecido como sacrifício para que Miranda se mantivesse no poder. Diante desse fato, afirmou resignado: “quando chegar a hora, ela vai me recompensar”.

Nigel foi penalizado para que o poder se mantivesse. O risco que correm os sujeitos submetidos a estas situações é deprimirem-se ou enveredarem por um tipo de “drogadicção”.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta história se desenrola em um ambiente insanamente tenso que leva aos seguintes questionamentos: esta instituição foi criada por uma chefe extremamente exigente ou ela mesma é um produto semelhante a qualquer outro fabricado em uma linha de produção? Qual seria, então, o verdadeiro produto da Runway: a moda que deve ser usada ou um modelo ideológico de funcionamento que produz uma massificação dos sujeitos?

Um dos produtos institucionais da Runway é uma visão natural que leva as pessoas a pensarem que o controle sobre os sujeitos (e não sobre os processos produtivos) ajuda a manter o lucro e o *status quo*. Este produto intangível vende uma garantia de sucesso capitalista com as manobras necessárias para a manutenção do poder institucional, muito atrativo a qualquer mercado.

Há outra opção? E as equipes coordenadas eticamente fazendo-se produzir em sua potência? O interessante é que o discurso predominante no mundo organizacional é de se procurar trabalhar em equipes e com auto-gestão. Muitos treinamentos e consultorias são contratados para se implantar esta “nova” tendência. Mas, frequentemente, as organizações solicitam novas formas de intervenção ao proclamarem que tais treinamentos e consultorias não surtiram efeito. Qual seria, então, o motivo para estes insucessos?

Na maioria das vezes o que se vê é um medo e uma fantasia de se perder o controle sobre as pessoas nos modelos mais abertos de funcionamento (que não dispensa limites e respeito), o que prejudica a implementação de verdadeiras mudanças. Além do mais, os modelos institucionalmente testados e tidos como eficazes (do ponto de vista capitalista) existem e estão brilhantemente ilustrados no filme “O diabo veste Prada”. Há, então, que se fazer uma opção. É verdade que os modelos organizacionais verticalizados funcionam eficazmente, mas é uma inverdade que modelos de funcionamento e organização mais horizontalizados, ou que prestigiem os sujeitos em sua potência, e não necessariamente pela hierarquia, trazem o perigo de desestabilidade e de menos lucro.

O que se vê então é mais discurso e menos prática, pelo menos como se pronuncia por aí. Teria algo a mais a ser pensado? Há que se considerar que os modelos rígidos ou narcísicos dão vazão a um gozo perverso que seduz e encanta os sujeitos imersos na instituição, tais como ficaram Nigel e Emily, nutridos pela ilusão de um reconhecimento maior de Miranda. Aliás, a ilusão é produto muito comum nas mais diversas instituições.

Na trama, os sujeitos agem mais como fantoches do que como seres humanos, até que Andy depara-se com o quanto se identificou e personificou a insígnia maior da Runway: eu sou o melhor em detrimento do outro, confundida com a própria organização.

O filme, com brilhantes atuações, remete a importantes reflexões acerca dos sujeitos na roda viva contemporânea: a manutenção da produtividade, do *status* e do poder, e principalmente, ao que é mais importante, existem saídas e que estas estão diretamente ligadas às escolhas feitas frente às situações adversas evidenciadas e duramente impostas por qualquer “Miranda”.

Esta é a grande mensagem que a personagem Andy deixa para todos: os sujeitos podem pertencer a si mesmos e Miranda não é tudo! Há saídas e há outros modelos (a própria Miranda reconheceu isto ao recomendar Andy para outro trabalho). Talvez Andy tenha feito o que Miranda, de alguma forma, tenha desejado, mas foi sucumbida pelo detalhe sádico do poder: o diabo vestiu salto alto e o inferno terá que aguardar a concorrência.

3. REFERÊNCIAS

- 1) BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- 2) CASTORIADES, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 3) CHIAVENATO, I. **Gerenciando pessoas**. 3 ed. São Paulo: 1992.
- 4) CONTRO, L. **Nos jardins do psicodrama**. Campinas: Alínea. 2004.
- 5) FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- 6) FREUD, S. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- 7) KAËS, R. **A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- 8) LAPASSADE, G. **Grupo, organizações e instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- 9) LOSICER in DAVEL, E. e VASCONCELOS, J. orgs. **“Recursos” humanos e subjetividade**. Petropolis: Vozes, 1996.
- 10) MORENO, J. L. **Fundamentos de la sociometria**. 2 ed., Buenos Aires: Paidós, 1972.
- 11) **REVISTA DA CULTURA**. Relações interpessoais e o dançar em grupo. Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Tânia M. A. Prates, Ana Maria S. Girão e Eneida von Eckhardt. n.º 46, ano XVI, pág. 53-64, 1991.
- 12) VOLNOVICH, J. **A psicose na criança**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- 13) WEISBERG, Lauren. **O Diabo Veste Prada**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- 14) **DIABO Veste Prada**, O. Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. Intérpretes: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt e Stanley Tucci e outros. Roteiro: Aline Brosh McKenna, baseado em Livro de Lauren Weisberger. Música: Theodore Shapiro. Los Angeles. 20th Century Fox Film Corporation, c 2006. 1 DVD (109 min), widescreen, color. Baseado na novela “O Diabo Veste Prada” de Lauren Weisberg.
- 15) ECKHARDT, E. **Os processos grupais de aprendizagem: um vôo de liberdade**. 2000. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.
- 16) ____ **Subjetividade e grupos: entre a criatividade e adaptação, um equívoco freqüente**. Disponível em: <<http://www.analise-pam.com.br>>. Acesso em 20 ago. 2008.
- 17) ____ et alli. **Vida de inseto. Uma leitura institucional**. Disponível em: <<http://www.analise-pam.com.br>>. Acesso em 20 ago. 2008.
- 18) ____ et alli. **Resgate abaixo de zero: um resgate pela ética**. Disponível em: <<http://www.analise-pam.com.br>>. Acesso em 20 ago. 2008.
- 19) ____ et alli. **O Diabo veste Prada ou Prada veste o Diabo?** Disponível em: <<http://www.analise-pam.com.br>>. Acesso em 20 ago. 2008.